



DIÁLOGO DE SABERES: CONEXÕES ENTRE PEDAGOGIA E SOCIOLOGIA NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

 <https://doi.org/10.56238/levv15n43-080>

Data de submissão: 20/11/2024

Data de publicação: 20/12/2024

Kaylani Dal Medico

Licencianda em Pedagogia

UFFS Campus Erechim

E-mail: kaylanidalmedico@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3483440167946733>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4244-9868>

Thiago Ingrassia Pereira

Doutor em Educação (UFRGS)

Professor da UFFS Campus Erechim

Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE)

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH)

E-mail: thiago.ingrassia@uffs.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4930503416095177>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5558-7836>

RESUMO

O diálogo de saberes é representativo de uma prática interdisciplinar que orienta ações formativas sofisticadas no campo da docência, desde a formação inicial de professores até os processos de formação continuada. A partir de um exercício de sistematização de experiências, este artigo tem como objetivo refletir sobre uma experiência formativa em curso de licenciatura, destacando o panorama temático da obra de Paulo Freire. Na fronteira entre a pedagogia e a sociologia, destacam-se aspectos relacionados à metodologia de ensino no campo das ciências humanas, considerando os fundamentos teóricos e práticos da vida e obra de Freire. Em caráter optativo, a disciplina de referência acolheu estudantes de licenciatura de três cursos na área das humanidades (ciências sociais, história e pedagogia), construindo cenário formativo dialógico e orientado à compreensão de núcleos temáticos do pensamento de Freire. Dessa forma, foi possível (re)visitar a obra do autor brasileiro e de alguns de seus comentadores, desafiando os futuros professores ao exercício de uma “pedagogia situada”.

Palavras-chave: Educação Popular. Paulo Freire. Dialogicidade. Ciências Humanas. Interdisciplinaridade.

1 INTRODUÇÃO

O desafio de qualificarmos a formação de professores no Brasil é muito grande e mobiliza a comunidade científica nacional (ROSÁRIO et al, 2024). Nesse sentido, as instituições formadoras, em especial, as universidades públicas, necessitam assumir seu papel na construção de cursos de licenciatura com sólida formação científica e ancorados na realidade social do país, considerando as diversidades do cenário brasileiro. Há uma crise nos programas de licenciatura (QUEIROZ, 2023) que tem prejudicado a escolha pela carreira, principalmente no âmbito da Educação Básica. Poucos jovens que estão concluindo o Ensino Médio parecem se interessar por um curso de licenciatura como primeira opção, contribuindo para o que se tem chamado de “apagão docente”¹. Além disso, a oferta de cursos de formação de professores de forma remota é uma realidade presente nos últimos anos, levantando o debate sobre a qualidade da formação inicial e as profundas modificações curriculares e de sociabilidade que a educação a distância induz.

Dessa forma, este texto procura refletir sobre uma experiência formativa em âmbito de curso de licenciatura em universidade pública federal localizada no interior do sul do Brasil. Trata-se da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), instituição criada por Lei federal em 2009², que tem *Campi* universitários no sudoeste do Paraná, no oeste catarinense e no norte gaúcho. A experiência em análise ocorreu no *Campus* Erechim, no norte do Rio Grande do Sul, região do Alto Uruguai. Em especial, trata-se de componente curricular presencial desenvolvido no primeiro semestre letivo de 2024, em caráter optativo, originalmente ofertado pelo curso de licenciatura em ciências sociais.

Com a matrícula aberta a estudantes de outros cursos de licenciatura interessados na temática, a disciplina acolheu estudantes ciências sociais, pedagogia e história, além de uma estudante sem vínculo regular com a UFFS, que estava se reaproximando do curso de ciências sociais. Foi a primeira vez que uma disciplina optativa na área de ensino foi ofertada pelo curso de ciências sociais, sendo denominada *Tópicos Especiais de Ensino de Ciências Sociais I*, com carga horária de 60h e com 18 encontros presenciais previstos no turno noturno. Contudo, a disciplina foi nomeada, para fins práticos, de *Paulo Freire e o Ensino de Ciências Sociais*.

A intencionalidade de trabalhar com a obra de Freire associada ao ensino de ciências sociais é parte de uma estratégia formativa que busca dar maior relevo ao autor brasileiro, envolto em polêmicas relacionadas à sua atuação política e seus preceitos educacionais. Em cenário de polarização política alimentado pela gestão do executivo federal do Brasil (2019/2022), Freire passa a ser um autor que suscita muitos debates, tanto de opositores como de adeptos de suas propostas. Em livro organizado por Cristiano Bodart e Cassiane Marchiori (2022), pergunta-se: “por que eles têm medo de Paulo Freire

¹ De acordo com a matéria “Apagão docente: jovens de afastam da profissão”, da Revista Educação, edição 291, de 2023. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2023/02/06/apagao-docente-jovens-se-afastam-da-profissao/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

² Para saber mais sobre a UFFS, acesse: https://www.uffs.edu.br/institucional/a_uffs/a_instituicao/apresentacao. Acesso em: 24 nov. 2024.

na escola?”. Dentre as possíveis respostas, encontramos nesta coletânea o desconhecimento relativo do autor na universidade, inclusive nos cursos de licenciatura.

Diante disso e considerando a aproximação de pesquisa e extensão do docente responsável pela disciplina com o campo da educação popular e a obra de Freire, foi construído um espaço formativo que se constituiu em um grupo de estudos sobre Freire e suas contribuições para o ensino em ciências humanas. É a partir da sistematização de experiências, nos termos de Oscar Jara, que vamos examinar algumas das possibilidades abertas por essa experiência de ensino universitário. Dessa forma, no tópico sobre a metodologia apresentaremos maiores elementos dessa estratégia metodológica típica da educação popular na América Latina. Em seguida, realizaremos discussão com base na revisão teórica empreendida e, por fim, trataremos, antes das conclusões, dos principais resultados.

2 METODOLOGIA

A metodologia, entendida de forma ampla como o estudo dos métodos empregados no trabalho acadêmico, trata, portanto, “dos caminhos e métodos seguidos para a construção do conhecimento científico” (TRIVIÑOS, 1987, p. 38). Assim, este artigo está pautado pela sistematização de experiências, observando a linha tratada por Oscar Jara (2006). A partir deste autor, inscrito na vertente latino-americana da educação popular, consideramos que o cotidiano é tomado como elemento central da problematização teórica. Para ele, “partamos da seguinte consideração básica: quando falamos de sistematização estamos falando de um exercício que se refere, necessariamente, a experiências práticas concretas” (JARA, 2006, p. 21).

Nossa experiência prática é a disciplina *Paulo Freire e o Ensino de Ciências Sociais*, tendo como base o próprio entendimento metodológico freireano de tomar distância teórica do contexto concreto para chegar a sua razão de ser (FREIRE, 2008). Tal empreitada reflexiva é de fundamental importância para um trabalho em nível da práxis, ou seja, da prática e da teoria de forma articulada. Todos e todas, ao estarem vivenciando situações concretas do cotidiano, possuem uma primeira leitura dessas situações, o que remete a uma percepção que se origina de um contato não refletido. Ao partir dessa constatação, cabe, para uma compreensão mais aprofundada, buscar a objetivação da experiência vivencial, a transformando em um objeto cognoscível, ou seja, do conhecimento.

Para isso, é preciso tomar certa distância da realidade vivida, a compreendendo a partir de reflexões com apoio teórico, assim, não mais estaríamos imersos no cotidiano não refletido, mas potencializaríamos a compreensão mais profunda, emergindo em uma compreensão mais crítica. Certamente, esse processo não é mecânico ou deve ser entendido de forma etapista, mas apresenta potencial de permitir um movimento de apreensão da realidade que, ao considerar o estágio inicial, o tensiona por meio da dimensão abstrata (teórica).

De certa forma, ao buscarmos refletir sobre a experiência da disciplina no curso de licenciatura, estamos a compreendendo, a partir da certa distância – não temporal apenas, mas, sobretudo, teórica – como um objeto de conhecimento. Assim, para sistematizar essa experiência, buscamos apoio metodológico na própria proposta freireana que considera como ponto de partida sempre a nossa leitura de mundo (que é a leitura do contexto concreto, vivido) que se aprofunda pela leitura da palavra (contexto teórico) e volta para o contexto concreto ressignificado. Como Jara (2006) e Freire (2008), consideramos que a nossa reflexão sobre a experiência é um elemento-chave para novas experiências ressignificadas, qualificando nossa formação inicial e continuada (em serviço) como professores. Nesse sentido, em diálogo com a obra de Freire, iremos realizar um exercício de sistematização da experiência da disciplina, aproximando os campos da pedagogia e das ciências sociais.

3 DISCUSSÃO

Ao defender a *Educação como prática da liberdade* (FREIRE, 2023a), é fundamental tornar as palavras dos sujeitos legítimas. Há no Brasil uma marginalização cultural dos movimentos e comunidades populares, o que resultou na justificativa de que os analfabetos e “ignorantes” não deveriam participar das decisões políticas.

Essas situações-limite (FREIRE, 2022) do século passado ainda persistem e continuam paralisando sujeitos e criando desesperanças nos tempos atuais. A marginalização e a cultura do silêncio continuam sobrevivendo dentro da educação, gerando dúvidas nos sujeitos sociais “entre se desalienarem ou se manterem alienados [...] entre serem espectadores ou atores [...] entre dizerem a palavra ou não terem voz [...] este é o trágico dilema dos oprimidos, que a sua pedagogia tem de enfrentar” (FREIRE, 2022, p. 48).

As situações e contextos que desumanizam os sujeitos na jornada escolar são muito bem explicitadas no documentário “Pro dia nascer feliz” (2005³), que teve como diretor e roteirista João Jardim. Ele vem denunciar a realidade das escolas públicas de diversas regiões do Brasil: não há por que estudar (os jovens precisam trabalhar), a escola é um lugar hostil, os educadores são seus inimigos, a pobreza e a violência são protagonistas e o currículo é distante de seus contextos sociais, ocasionando seu silenciamento. Ao mesmo tempo em que denuncia a desumanização, traz o anúncio (SILVA, 2021) da esperança, “[...] aqui não encontro nada que me motive a viver, mas falar da minha terra, ah, isso me dá prazer e mesmo aqui tão distante, tenho algo pra pedir, quero aqui nesse instante voltar para Manari, pois eu não quero morrer sem lá me despedir” (Pro dia nascer feliz, 2005).

Com isso, estamos dizendo, juntamente com Paulo Freire, que a(s) Pedagogia(s), “[...] estão assentadas em matrizes ideológicas distintas, o que as posiciona em lugares diferentes ou mesmo

³ Documentário: Pro Dia Nascer Feliz. Duração: 1h 28min. Direção: João Jardim. Sobre este documentário, ver Selhorst (2023).

antagônicos na dinâmica social. [...] O significado de pedagogia é mais bem compreendido no contexto do conceito de práxis [...]” (STRECK, 2008, s/p.), ou seja, a pedagogia está neste tensionamento entre a teoria e a prática em cada tomada de decisão e não pode ser neutra, tampouco silenciosa, é essencialmente política, situada em: conhecer, ensinar-aprender e no diálogo, exigindo do educador um trabalho que transforme a ingenuidade em criticidade (FREIRE, 2023a) com os educandos.

Essa concepção e prática de uma educação mais democrática e para a emancipação dos indivíduos é imperativo que aconteça em transitividade com os fundamentos que alicerçam a área da educação, primordialmente, a Sociologia. A Sociologia da Educação se origina da Sociologia, explorando as relações sociais educacionais formais e não formais, tomando como central hoje, no Brasil, a desigualdade social e sua interação com a escola (CAREGNATO; MIORANDO, 2020), tendo o papel de desnaturalizar/desacomodar o rotineiro/normal.

A partir disso, podemos articular a sociologia e a pedagogia. Essas conexões indissociáveis começam a tornar perceptível que aquela gente na escola (e também fora dela), que não apenas está no mundo, tampouco é um objeto, mas, sim, autêntica e capaz de dizer a sua palavra (FREIRE, 2023a), transitando da ingenuidade à consciência crítica, fazendo com que os sujeitos não caiam no fatalismo da alienação e docilidade, que está no cerne da desnaturalização proposta pela sociologia.

A “pedagogia situada” (PEREIRA, 2021) apresentada por Paulo Freire é fundamental quando dialogamos sobre uma educação para prática da liberdade. A própria literalidade do autor e a narrativa de sua vida em seus livros demonstram conceitualmente a denominação “situada”, quando o mesmo, em *Cartas a Cristina* (FREIRE, 1994), traz medos como o de escuro em tenra infância para explicar o desejo de mudar o mundo, exemplificando a pobreza germinada no contexto da Crise de 1930 e a morte de seu pai, mostrando como ocorre a desigualdade entre as classes sociais. Observa-se, então, que a partir do contexto/realidade/vivências dos indivíduos, as aprendizagens são significativas, pois dialogam do concreto ao abstrato, sempre acolhendo os anseios da comunidade. Assim,

no enlaçamento com a pedagogia freireana, se os homens e as mulheres tiverem a consciência de que sua relação com o mundo é situada, datada e, especialmente, produzida pelo viés da matriz capitalista, poderão atuar em função de finalidades propositivas e criadoras de condições objetivas para a intervenção e a transformação social (PEREIRA; SARTORI, 2020, p. 662).

O pensar antropológico, uma das áreas das ciências sociais, em sentido oposto ao ensino da antropologia conceitual na Educação Superior, é também prática da liberdade na Educação, de caráter humanístico na formação dos sujeitos. É uma aprendizagem que acontece por meio do cotidiano, explorando campos da cultura, religião, gênero e relações étnico-culturais (SCHWEIG, 2020), o que Freire chamaria de identidade cultural, é a *outredade* (o que é do outro), que assume-se como “[...] dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista [...]” (FREIRE, 2023b, p. 42). Ou seja, a antropologia cotidiana diz respeito à

valorização, validação e reconhecimento da identidade cultural dos sujeitos no âmbito escolar formal, fundamental para a pedagogia situada.

A ciência política também faz parte da tríade do campo das ciências sociais, qual estuda as relações de poder na sociedade, integrando os fundamentos que sustentam a educação, possibilitando a transformação da consciência ingênua em crítica, conforme Feijó aponta quando escreve a definição de política no *Dicionário de Ensino de Sociologia*:

o aprendizado de Política pode dotar os indivíduos de uma perspectiva analítica acerca das questões políticas que o cercam, levando-o a escolhas mais conscientes do ponto de vista político e também ao reconhecimento dos direitos conquistados historicamente dos quais pode - e deve - usufruir. Nesse sentido, podemos pressupor que o ensino de Política pode fortalecer a democracia ao dotar os estudantes de um letramento político (COSSON, 2010), um aprendizado contínuo e um cotidiano de conhecimento que possam colocar luz à organização e ao funcionamento das instituições políticas e como estas influenciam a coesão social e o arranjo democrático [...] (FEIJÓ, 2020, p. 319)

Na educação, sobretudo na linha teórica em que estamos situados, na educação popular de matriz freireana, a política se faz indispensável e não há como ser neutro, o que Freire diria em outras palavras, “[...] que não permitindo a neutralidade da prática educativa, exige do educador a assunção, de forma ética, de seu sonho, que é político. [...] Por isso, impossivelmente neutra, a prática educativa coloca ao educador o imperativo de decidir, portanto de romper [...]” (FREIRE, 2024, p. 80, grifo do autor). Portanto, a decisão nesta linha teórica é de possibilitar a conscientização crítica e liberdade dos sujeitos manipuláveis e oprimidos, fazendo-os participar da política, enquanto seres históricos e políticos. Na figura 1 a seguir, é possível identificar como percebemos a educação como prática da liberdade na intersecção entre as ciências sociais e a pedagogia.

Figura 1: Diagrama das conexões entre as Ciências Sociais e a Pedagogia



Fonte: Elaboração dos autores (2024)

As conexões entre as ciências sociais como fundamentos e alicerces da pedagogia estão se tornando cada vez mais essenciais para a educação como prática da liberdade que tanto citamos. Ao

entender conceitos sociológicos e pedagógicos, a educação pode ser transformada em uma prática que não transmite conhecimento, como na educação bancária (FREIRE, 2022), na qual o educador despeja o conhecimento nos sujeitos que são tábulas rasas, mas, sim, empodera e conscientiza os indivíduos para a autonomia, conscientização, liberdade e esperança, qualificando cada vez mais a educação pública e popular no Brasil. A seguir, um exercício de sistematização de experiências vivenciadas na disciplina *Paulo Freire e o Ensino de Ciências Sociais*, observando intencionalidades, núcleos temáticos possíveis para explorar a teoria do conhecimento de Freire e a sua relação com a formação inicial de professores nos cursos de licenciatura na área das ciências humanas.

4 RESULTADOS

Com o objetivo de construir repertórios, debates e análises críticas sobre a vida e obra de Paulo Freire na educação superior, a disciplina *Paulo Freire e o Ensino de Ciências Sociais*, articulada ao curso de ciências sociais da UFFS *Campus Erechim*, reuniu acadêmicos e acadêmicas das mais diversas áreas do conhecimento no primeiro semestre de 2024, como ciências sociais, pedagogia e história.

O diálogo e o conteúdo programático de uma disciplina não são uma imposição dentro do ensino superior de universidade pública construída pelos movimentos sociais, muito difusos na sociedade contemporânea, reunindo sujeitos que se mobilizam contra qualquer forma de dominação e violência cultural e social (GOULART, 2020). Esse diálogo e conteúdo são uma devolutiva dos anseios e uma reparação à grande parte da população na qual negou-se o acesso no mesmo, como na região da cidade de Erechim, então:

no caso da UFFS, esse diferencial, que enseja o inédito, pode ser buscado em algumas direções: 1) ineditismo regional – é a primeira experiência de universidade pública federal na sua região de abrangência e que se organiza em três estados da federação; 2) ineditismo do acesso – desde o início, sem vestibular e considerando a nota do ENEM mais o “fator escola pública” como política afirmativa; 3) ineditismo político – tem como “marca de origem” a mobilização de sujeitos políticos dos três estados da região sul; 4) ineditismo curricular – a proposta de organização curricular em três domínios (comum, conexo e específico); 5) ineditismo social – projetada como uma universidade popular, a UFFS se constituiu com mais de 90% de seus estudantes oriundos da escola pública. (PEREIRA, 2014, p. 148).

A partir da leitura de Freire, buscou-se a identidade profissional docente dos acadêmicos e acadêmicas das licenciaturas, especialmente a licenciatura em ciências sociais, explorando saberes populares regionais no processo cognoscente, trilhando caminhos por eixos temáticos da linha freireana, com círculos de cultura dialógicos, isto é “[...] quem dialoga, dialoga com alguém sobre alguma coisa. Esta alguma coisa deveria ser o novo conteúdo programático da educação que defendíamos” (FREIRE, 2023a, p. 142), afinal, que tipo de professor/professora seríamos? Como

apresentar, dialogar e escrever junto com Paulo Freire, em um tempos de tanta polêmica em relação a este autor?

Para enfrentar positivamente esse quadro, a disciplina se organizou a partir de alguns eixos: 1) biografia de Paulo Freire e sua relação com a bibliografia do autor; 2) núcleos temáticos de Freire; 3) Comentadores e reinventores de sua obra, tendo como núcleos temáticos principais a "pedagogia situada", "dialogicidade", "humanização", "conscientização" e "do-discência". No quadro a seguir, estão dispostas as principais referências utilizadas ao longo do semestre letivo.

Quadro 1: Principais referências utilizadas

| Referência e ano da edição | Autor/es/as | Núcleo temático |
|---|---|----------------------------------|
| Paulo Freire: uma breve cartografia intelectual (2018). | Danilo R. Streck, Euclides Redin, Jaime José Zitkoski | Biografia e experiências |
| Cartas a Cristina (1994). | Paulo Freire | Biografia e experiências |
| Pedagogia do Oprimido (2022). Capítulo 03: A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade. | Paulo Freire | Dialogicidade |
| Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor (2021). Capítulo 04: O que é "método diálogo" de ensino? O que é uma "pedagogia situada" e o empowerment? | Paulo Freire e Ira Shor | Pedagogia situada |
| Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa (2023). Capítulo 01: Prática docente: primeira reflexão. | Paulo Freire | Humanização |
| Professora sim, tia, não: Cartas a quem ousa ensinar (1993). | Paulo Freire | Do-discência |
| Educação como prática da liberdade (2023). | Paulo Freire | Conscientização |
| Por que eles têm medo de Paulo Freire na Escola? | Cristiano das Neves Bodart e Cassiane da C. Ramos Marchiori | Negacionismo de Freire no Brasil |
| Uma resignificação do pensamento freiriano nas pesquisas contemporâneas em educação (2017). Em: PET em Debate: Diálogos sobre Educação e Docência. | Franciele Fátima Marques | Senso comum freireano |

Fonte: Elaboração dos autores (2024)

É pertinente agora destacar um dos círculos de cultura realizados na disciplina, com base na obra *Educação como Prática da Liberdade* de Paulo Freire (2023a), retomando como uma manifestação significativa em nossa discussão sobre as conexões e laços entre a Pedagogia e a Sociologia.

O maior público da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Erechim*, são trabalhadores de turno integral na cidade, se configurando como um dos maiores desafios da instituição:

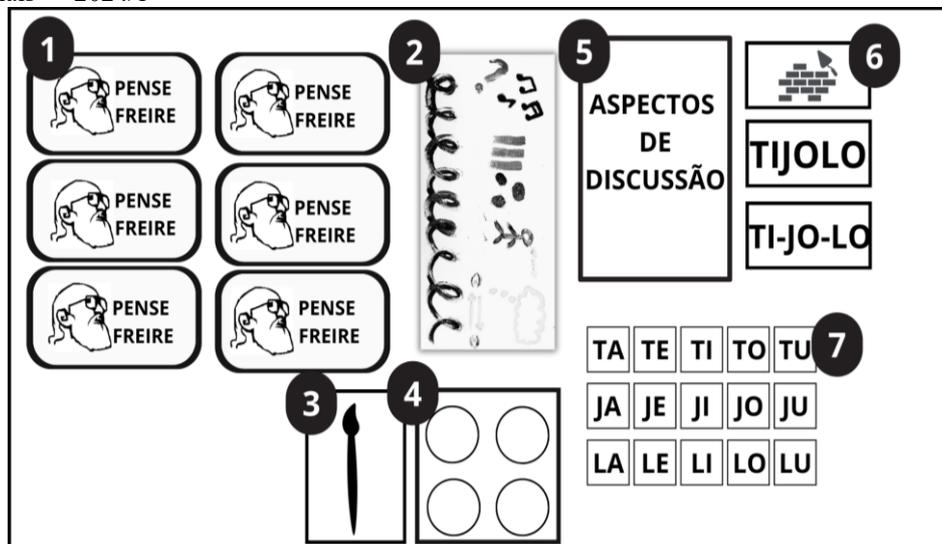
o cansaço é originado pela carga de trabalho. Praticamente todos os estudantes exercem atividade remunerada durante o dia. Segundo uma aluna, “às vezes, a gente chega a tontear de sono”, ilustrando o histórico desafio dos cursos noturnos e dos estudantes-trabalhadores. Estar cansado e encontrar aulas desmotivadoras são aspectos que configuram um cenário que não propicia o adequado aproveitamento da vida escolar (PEREIRA, 2014, p. 204).

Tendo em vista isso, quais as estratégias que podem ser desenvolvidas para a mobilização e engajamento desses estudantes-trabalhadores? Freire (2023a, p. 136-137) diria que somente com muita paciência depois de um dia inteiro trabalhando, é possível aguentar na escola/universidade uma aula de “Eva viu a uva”, antidialógica e bancária.

Quando compreende-se o contexto social desses/as acadêmicos/as e acolhemos isso durante o horário de aprendizagem, isso é um fundamento sociológico da Educação. Agora, quando pensamos na didática, isso está na pedagogia, e é preciso “pensar, pois, a Didática como esse espaço de reflexão sobre a intencionalidade do trabalho docente é exercício crucial para compreender que a ação do professor se dá em função de objetivos sociais e políticos colocados para a educação” (SILVA, 2020, p. 94), naturalmente, a didática tem três dimensões básicas: por que, como e para quem ensinar. No caso desta disciplina, toda semana um/a acadêmico/a se responsabilizava de trazer seus saberes para o debate.

Circundante à leitura da referência *Educação como prática de liberdade*, no que diz respeito à didática para o círculo de cultura, foi montado um espaço pedagógico interativo no chão da sala de aula, com dinâmicas e demonstrações práticas dos conteúdos extraídos da leitura de referência. Estendeu-se um tecido verde florestal e em cima dele havia conteúdos como cartas pedagógicas, tela de pintura, tintas de diversas cores, pincéis, e fichas de descoberta. A seguir, uma simulação virtual do espaço que estava montado na figura 2.

Figura 2: Simulação virtual do espaço montado na sala de aula da UFFS, na disciplina optativa “Paulo Freire e o Ensino de Ciências Sociais” – 2024/1



Fonte: Elaboração dos autores (2024)

No número 1, temos a representação da dinâmica das cartas de interpretação, cada carta tinha uma parte da leitura (no verso da carta) que era ponto chave no entendimento do texto, cada acadêmico e acadêmica escolheu uma carta intuitivamente, após ler, deveria expressar no círculo de cultura o que entendeu.

Enquanto isso, no 2 temos uma tela de pintura (a que aparece é a versão final), enquanto dava o andamento do círculo de cultura, os participantes foram convidados a fazer uma pintura para responder a pergunta: “O que é cultura?” (mais para frente exploraremos a obra). No número 3 e 4 temos a caixa de pincéis e a de tinta, com cores variadas para a pintura.

No número 5 estavam os “Aspectos de discussão”, um dos primeiros passos para iniciar as rodas de cultura, guardavam aspectos da realidade social dos indivíduos, para exemplificar foram escolhidas as palavras *salário, segurança, material, função, maquinário e descanso*, visando uma comunidade específica (fictícia) de construtores civis, “essas situações funcionam como desafios aos grupos. São situações-problema, codificadas, guardando em si elementos que serão decodificados pelos grupos [...]” (FREIRE, 2023a, p. 150).

Entre os números 6 e 7, temos a construção das “fichas de descoberta”, realizada a partir de um material concreto de cotidiano dos construtores civis, foi escolhida a palavra *tijolo*, e “imediatamente à visualização dos “pedaços” e fugindo-se a uma ortodoxia analítico-sintética, parte-se para o reconhecimento das famílias fonêmicas” (idem, p. 153).

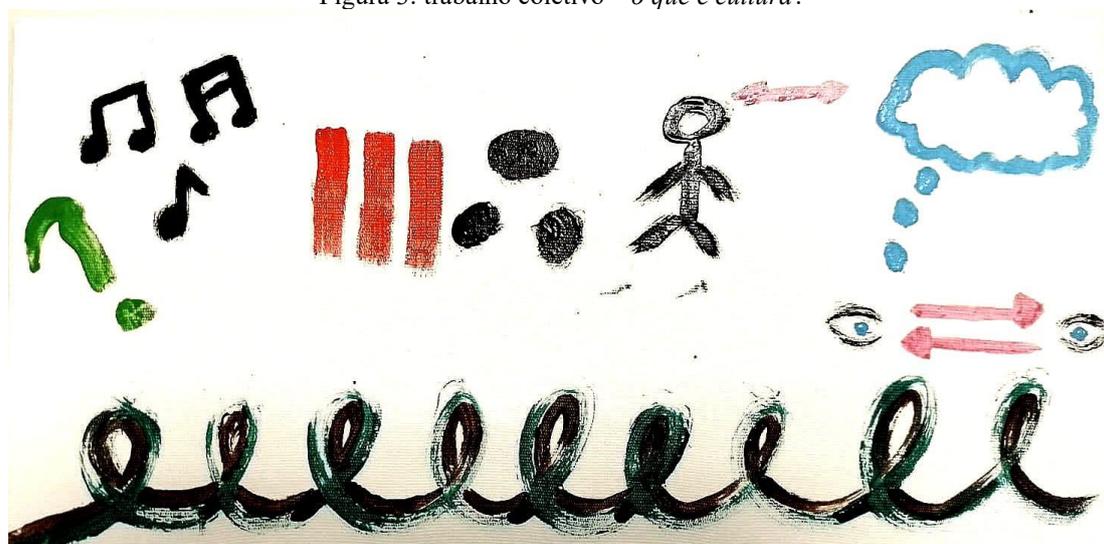
O espaço foi montado e pensado didaticamente, a partir de fundamentos sociológicos, para o entendimento do capítulo quatro do livro *Educação como prática da liberdade*, intitulado de “Educação e Conscientização” (FREIRE, 2023a), para a partir disso, “[...] contribuir para a formação de professores com consciência ética e sólidos fundamentos epistemológicos e metodológicos (didático)” (PEREIRA, 2016, p. 168), que exige formação científica, mas também humildade, que exige rigorosidade, mas também amorosidade.

Ao responder a pergunta “o que é cultura?”, por meio da pintura, como qualquer arte popular, “[...] a arte e a educação estão conectadas e dialogam para a formação dos sujeitos” (SILVA, 2021, p. 167), pois, a arte também é uma forma de cantar suas leituras e visões de mundo de fora do seu ser para o mundo, é o que faz os homens e as mulheres comunicar-se. Vem como forma de anúncio da esperança.

A interrogação da pintura é a pergunta, a música é a expressão (é o escutar atenciosamente), os traços vermelhos e os círculos representam a cultura da aldeia indígena de uma das participantes do círculo de cultura, o pensamento é a possibilidade da práxis, o ir e vir entre olhos é a mudança de perspectiva e a linearidade das molas é a possibilidade de continuar, sempre, se transformando e seguindo em frente, esses são os saberes populares da gente que habita a UFFS Campus Erechim, são

as conexões e diálogo de saberes que se articulam entre a pedagogia e as ciências sociais. Na figura 3, a representação coletiva realizada em aula.

Figura 3: trabalho coletivo – o que é cultura?



Fonte: obra dos acadêmicos e acadêmicas da disciplina de “Paulo Freire e o Ensino de Ciências Sociais” (2024)

Dessa forma, ainda que a disciplina *Paulo Freire e o Ensino de Ciências Sociais* tivesse o interesse de estudar teoricamente a obra de Freire articulando ao campo do ensino de ciências sociais, tendo em vista a presença da disciplina de sociologia na educação básica, por intermédio da participação dos estudantes fomos recriando o espaço. Buscamos envolver a turma nas leituras, mostrando como Freire é um autor importante à formação do professor. Para isso, leituras dialogadas, a autoindicação para animar o debate, destacando aspectos da referência indicada, e a construção de um espaço dialógico que criou um espaço intenso de trocas de saberes.

Por isso, quem tinha mais leituras e quem não tinha puderam vivenciar a compreensão de algumas obras de Freire e de alguns trabalhos de seus comentadores. O debate de ideias e experiências ocorreu, em boa parte dos encontros, com lanches coletivos, que ajudaram a construir um ambiente de camaradagem propício ao aprendizado.

5 CONCLUSÃO

Sempre o planejamento de uma disciplina é uma aposta. Mas não uma aposta aleatória, mas, orientada por um programa formativo e com a intencionalidade política e pedagógica dos sujeitos envolvidos. Paulo Freire é um autor de abrangência mundial, reconhecido em vários países e projetos que adotam suas ideias. Seu livro *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2022) é considerado uma das principais referências da área da educação do século XXI. Contudo, é um autor relativamente pouco lido no âmbito universitário brasileiro, em especial, nos cursos de formação inicial de professores.



Tal situação, associado ao contexto atual de polarização política e radicalizações, no qual a figura de Freire é envolta em polêmicas, sugere que seu tratamento possa ser renovado nas licenciaturas. Em especial, a oportunidade de uma disciplina optativa, na área de ensino de ciências sociais, pareceu interessante para focar em núcleos temáticos da obra do autor, despertando nos estudantes, futuros profissionais da docência, a leitura crítica de nosso conterrâneo ilustre.

Certamente, a obra de Freire, assim como de quaisquer autores(as), deve ser sempre criticada, rediscutida e atualizada. Muito se trabalhou com isso durante o ano de 2021, por se tratar do ano do centenário de nascimento de Freire. Além de homenagens, cabe o estudo atento e a busca permanente da reinvenção do autor, não de sua repetição acrítica. Nenhum autor conseguirá ter todas as respostas aos dilemas contemporâneos, talvez, inclusive, resida exatamente na capacidade de levantar boas perguntas, mais do que nas respostas, a importância da contribuição de um autor.

Nesse sentido, a disciplina *Paulo Freire e o Ensino de Ciências Sociais* ousou ao propor encontros formativos acerca da obra de Freire, sendo (re)criada no decorrer do envolvimento do grupo de estudantes de licenciatura que, por sua opção, se matricularam. Longe de qualquer idealismo, os encontros nas noites do norte gaúcho foram descortinando um autor, seus interesses, suas possibilidades e seus limites. Longe de explorar a totalidade da obra de Freire, o que foi realizado foi uma aproximação ao universo teórico e práticos do autor, não sacralizando sua obra por um lado, e nem realizando leituras frágeis por outro.

Dessa experiência, sistematizada neste artigo, ficaram construções potentes que se desdobraram em projetos de pesquisa e extensão universitária, além da possibilidade de nova oferta a médio prazo. Conhecer um pouco do pensamento pedagógico do autor brasileiro de maior destaque internacional é, sem dúvida, um compromisso formativo que nosso sistema universitário não deveria abrir mão. Todo arranjo curricular, da educação infantil à pós-graduação, é sempre um espaço em disputa, nos levando a refletir criticamente muito mais sobre o que não está, do que o que está. Em outras palavras, trabalhar com Paulo Freire na formação docente é um ato político, uma escolha que tem implicações metodológicas, teóricas, epistêmicas e, sobretudo, humanas.



REFERÊNCIAS

- BODART, Cristiano das Neves; MARCHIORI, Cassiane Ramos (orgs) . *Por que eles têm medo de Paulo Freire na escola?* Maceió: Editora Café com Sociologia, 2022.
- CAREGNATO, Célia Elizabete; MIORANDO, Bernardo Sfredo. Sociologia da Educação. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (orgs.). *Dicionário do Ensino de Sociologia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020, p. 389-393.
- FEIJÓ, Fernanda. Política. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (orgs.). *Dicionário do Ensino de Sociologia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020, p. 317-320.
- FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização – teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 84ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática liberdade*. 55ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 77ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023b.
- FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- GOULART, Débora Cristina. Movimentos Sociais. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (orgs.). *Dicionário do Ensino de Sociologia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020, p. 242-246.
- JARA, Oscar. *Para sistematizar experiências*. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.
- PEREIRA, Thiago Ingrassia. *Classes populares na universidade pública brasileira e suas contradições: a experiência do Alto Uruguai gaúcho*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Programa de Pós-Graduação em Educação. 281 f. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/98599>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- PEREIRA, Thiago Ingrassia. Apontamentos sobre metodologia de ensino em Ciências Sociais. In: MEIRELLES, Mauro; MOCELIN, Daniel Gustavo; RAIZER, Leandro (orgs.). *Pedagogia e Sociologia em Diálogo*. Porto Alegre: CirKula, 2016, p. 163-173.
- PEREIRA, Thiago Ingrassia; SARTORI, Jerônimo. Educação, diálogo e prática da liberdade em Paulo Freire: revisitando a pedagogia do oprimido. *Espaço Pedagógico*. Passo Fundo, v. 27, n. 3, p. 643/664, set.-dez. 2020.
- PEREIRA, Thiago Ingrassia. O centenário de Paulo Freire e a recontextualização da Educação Popular: possibilidades de uma pedagogia situada. *Cadernos de Educação*. Pelotas, n. 65, p. 1-13, dez. 2021.



QUEIROZ, Christina. Crise nos programas de licenciatura. *Revista Pesquisa Fapesp*. São Paulo, edição 332, out. 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/crise-nos-programas-de-licenciatura/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

ROSÁRIO, Daniely do et al. Formação de professores: desafios e oportunidades. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.10, n.07, p. 1768-1785, jul. 2024.

SCHWEIG, Grazielle Ramos. Antropologia. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (orgs.). *Dicionário do Ensino de Sociologia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020, p. 37-41.

SELHORST, Lucas Alves. Educação e partilha: a escola no documentário "Pro dia nascer feliz". *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, nº 31, 15 de agosto de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/31/educacao-e-partilha-a-escola-no-documentario-pro-dia-nascer-feliz>. Acesso em: 24 nov. 2024.

SILVA, Camila Ferreira da. Didática. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (orgs.). *Dicionário do Ensino de Sociologia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020, p. 91-95.

SILVA, Francisco Tenório. Nome. Anúncio e denúncia em Paulo Freire na arte de talhar madeira. In: SILVA, Andréa Giordanna Araujo da; MARCHIORI, Cassiane da C. Ramos (orgs.). *Paulo Freire e a Pedagogia das Artes*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021, p.

STRECK, Danilo Romeu. Pedagogia(s). In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008, s/p [arquivo digital].

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.